

**PERFIL DA PECUÁRIA DE CORTE DO RIO GRANDE DO SUL**

**Cátia Fernanda da Silva – UNISINOS**

E-mail: silvacatia@hotmail.com

**Tiago Wickstrom Alves – UNISINOS**

E-mail: wickstrom.alves@gmail.com

## **1. Introdução**

A pecuária de corte é uma atividade econômica de grande importância no Rio Grande do Sul. O estado ocupa a sexta colocação no país em termos de número de bovinos, com um efetivo, no ano de 2006, correspondente a 11,15 milhões de cabeças, conforme o Censo Agropecuário (2006).

É importante levar em consideração que o modo de produção da pecuária de corte conta com uma ampla diversificação, implicando em diferenças significativas no nível de emprego, na produtividade e na renda gerada. De acordo com a CNA, a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (2002), o fator primordial que explica essa diversidade é o tipo de tecnologia empregada, embora outros fatores possam ser citados, tais como a organização fundiária, a estrutura do capital produtivo, a fertilidade natural dos solos e o clima.

Um aspecto interessante é que a estrutura de mercado da pecuária pode ser classificada como de concorrência perfeita, uma vez que os produtores geram um produto aproximadamente homogêneo, conhecem as estruturas de custos dos demais produtores e são tomadores de preços. Sendo assim, considerando a hipótese de racionalidade da teoria econômica, eles deveriam produzir com planta e tecnologias que otimizassem seus resultados e, no longo prazo, essas convergiriam para um mesmo modo de produção.

No entanto, isso não acontece. A heterogeneidade produtiva pode ser explicada pelas condições financeiras e características pessoais do produtor. Características essas que classificam o pecuarista como empreendedor (inovador) ou tradicional (avesso a inovações). Isso, por sua vez, definiria o processo produtivo, explicando a não existência de processos ótimos de produção, conforme o esperado na teoria microeconômica.

Além disso, pode haver aspectos sociais locais que imprimem algumas características nos indivíduos que, por sua vez, condicionam o modo de produção, gerando um círculo que pode ser virtuoso ou não.

Tais aspectos sustentam o estudo desenvolvido a seguir, através do qual buscou-se traçar um perfil da pecuária de corte do Rio Grande do Sul, a fim de compreender o comportamento do pecuarista, bem como as razões que norteiam suas ações. O artigo está estruturado em mais quatro seções, além dessa introdução. Na segunda seção, tem-se numa revisão das principais teorias referentes ao assunto. Na terceira e quarta seções, respectivamente, apresenta-se a descrição da metodologia de estudo e o resultado das respostas obtidas com a aplicação do questionário. Por fim, a quinta seção mostra as principais conclusões acerca das respostas obtidas.

## **2. Características da atividade rural**

A abordagem de Hayami e Ruttan (1988) sobre a difusão tecnológica coloca a difusão de melhores práticas de exploração e de melhores variedades de culturas e de animais como uma das principais fontes de crescimento da produtividade na agricultura. Nesse sentido, segundo os autores, pode-se observar diferenças significativas entre a produtividade da terra ou da mão-de-obra entre fazendeiros (alguns são mais progressistas; outros, mais “atrasados”). O desenvolvimento agrícola, portanto, ocorre “através da disseminação mais efetiva do conhecimento técnico e de diminuição da dispersão entre fazendeiros individuais e entre regiões” (HAYAMI e RUTTAN, 1988, p.58).

Ao considerar esse processo de difusão, há de se levar em consideração a complexidade e o número de atores que são responsáveis pela inovação tecnológica e pela sua disseminação. The World Bank (2007) ressalta que se faz necessária a interação entre fazendeiros, permitindo que a inovação alcance um número maior de pessoas. Essa interação é facilitada pelas associações de pecuaristas, que executam um papel representativo de seus membros, dão suporte a processos locais de desenvolvimento e facilitam o acesso à informação (RONDOT e COLLION, 1999). Conforme os autores:

Producer Organizations can assume several functions. [...] economic and technical: cooperatives or other groups (unions, producer associations, cooperatives, and economic groups) provide services to their members such as information, facilitating access to inputs and market, credit, support for storage, and processing and marketing services (RONDOT e COLLION, 1999, p.02-03).

Além disso, o papel das organizações de produtores rurais também foi destacado por Mercoiret, Pesche e Bosc (2006) ao afirmarem que essas organizações - por eles denominadas

RPOs<sup>1</sup> - estimulam a inovação agrícola de três maneiras principais:

(1) thought exchange mechanisms, they contribute to consolidate and to disseminate peasant know-how and innovations development by farmers themselves [...]; (2) RPOs put in place specific support/counseling mechanisms, which they manage in partnership with technical assestasse (research, extension) and external financial donos [...]; (3) in several countries, RPOs strive to Taylor research and extension mechanisms to the needs of farmers by contributing to define research and extension themes and by participa Ting directly in the governance of new research and agricultural extension institutions [...] (MERCOIRET, PESCHE e BOSCH, 2006, p.12).

The World Bank ainda ressalta que a utilização de uma tecnologia não acontece simultaneamente em todos os lugares. Portanto, para que sua difusão aconteça, se faz necessária a interação entre os fazendeiros, permitindo que a inovação seja utilizada por mais pessoas. Percebe-se, nessa abordagem, a importância da questão locacional e a relevância da difusão tecnológica entre os indivíduos, para estimular o desenvolvimento.

Conforme Hayami e Ruttan (1988), o processo de mudança técnica deve ser tratado como endógeno ao sistema econômico, uma vez que corresponde a uma mudança na disponibilidade de recursos e no nível da demanda. Os autores destacam também que além das inovações técnicas, as inovações institucionais merecem destaque. Compreende-se por inovações institucionais as convenções estabelecidas entre uma sociedade, que dizem respeito ao comportamento dos indivíduos. Como as características culturais exercem forte influência sobre a oferta de inovação institucional, essa inovação tende a ser diferenciada, e não homogênea. Como exemplos de instituições, tem-se cooperativas, associações e sindicatos, que representam o interesse coletivo dos seus membros.

Quanto aos limites que dificultam o desenvolvimento, Navarro (2001) afirma que aquele que merece maior destaque é a heterogeneidade das atividades agrícolas e rurais no Brasil. Medeiros Neto (1990, p.21) corrobora esta afirmação ao destacar que “cumprir considerar como circunstância importante quando se procura analisar a pecuária brasileira, que a imensidão e diversidade regional do país faz defeituosa a generalização e enganosa a média estatística”. Sepúlveda (2005, p.129) sustenta que “as características dos produtores e das unidades produtivas constituem a base para determinar as populações, os objetivos, os conteúdos das ações, as prioridades, os recursos e outros elementos de toda estratégia de desenvolvimento rural”. Ou seja, o foco do desenvolvimento deve estar centrado no elemento humano, que imprime suas características no meio em que vive, de acordo com as experiências que teve e com os conhecimentos que adquiriu.

---

<sup>1</sup> Rural Producer Organizations.

Nesse mesmo contexto, Perico e Ribero (2005) afirmam que os sistemas de produção são determinados pela tradição, pelos recursos humanos, pela capacidade de acesso à informação, pela organização empresarial. De acordo com os autores, “os sistemas produtivos, mais que estratégias empresariais, são sistemas de vida que estão estreitamente ligados ao desenvolvimento sociocultural dos povos rurais” (PERICO e RIBERO, 2005, p.84).

Schneider (2004) afirma que a abordagem territorial do desenvolvimento rural faz com que a análise dos problemas aconteça no espaço onde ocorrem as relações sociais, econômicas, políticas e institucionais. Esse espaço é definido pela interação entre os indivíduos e o ambiente, de acordo com o contexto em que os mesmos estão inseridos.

Para determinar o grau de desenvolvimento de alguns espaços territoriais, segundo Sepúlveda (2005), é imprescindível reconhecer a importância do capital humano das populações, tais como a bagagem de conhecimento, informação, capacidade e destreza das populações específicas. São essas qualidades que agregam valor no processo produtivo e que, portanto, constituem um diferencial no processo de desenvolvimento. O autor ainda afirma que “a capacidade de gestão dos produtores é um componente fundamental que condiciona a transação a partir de formas tradicionais a níveis mais complexos e modernos da produção” (SEPÚLVEDA, 2005, p.52).

Perico e Ribero (2005) argumentam ainda que a desigualdade de oportunidades entre os produtores do campo foi sustentada e acentuada pela injusta distribuição de novas tecnologias.

Enfim, percebe-se que a inovação e a difusão tecnológica, apesar de serem abordadas de maneiras diferentes, são importantes no processo de desenvolvimento. Cabe agora, avaliar de que forma os pecuaristas agem diante de tais situações, e como conduzem sua propriedade no que concerne a tal processo.

### **3. Aspectos metodológicos**

O levantamento dos dados foi feito através de entrevista estruturada, realizada por intermédio de questionários, precedida de um pré-teste. Após o teste piloto, foram feitas as correções sugeridas pelos entrevistados a fim de formular-se o questionário definitivo.

O questionário constituiu-se de 16 questões introdutórias, onde o pecuarista tem maior liberdade de resposta, por serem questões subjetivas, e mais 52 questões fechadas, que se constituíram em afirmações onde o respondente atribuía uma nota de 0 (zero) a 10 (dez) –

onde 0 (zero) significa Discordo Totalmente e 10 (dez) significa Concordo Plenamente – de acordo com a veracidade desta afirmativa na concepção de cada pecuarista.

A opção de utilização desta escala métrica, denominada cotação contínua, decorre do fato de ser de fácil utilização pelos respondentes (PEREIRA, 2006). Ainda, ela associa valores comumente utilizados pelas pessoas em suas avaliações e os valores são facilmente relacionados com uma escala percentual.

Cada pergunta pode ser considerada uma variável independente, uma vez que a resposta de uma questão não condiciona, necessariamente, as demais. Além disso, como as variáveis são métricas, pode-se avaliar o indivíduo em relação ao grau com que pode ser caracterizado para cada variável e não apenas identificar se este indivíduo possui ou não determinado atributo (HAIR JR. *et al.*, 2005).

O questionário está estruturado em oito blocos que reúnem perguntas afins. No primeiro, têm-se questões gerais do modo de produção pecuário. No segundo, foram abordadas questões referentes à finalidade da atividade pecuária, o seu objetivo econômico. No terceiro e quarto blocos, respectivamente, indagou-se sobre as fontes de informação e sobre a qualificação da mão-de-obra. No quinto, objetivou-se conhecer melhor os motivos que influenciaram a escolha de produzir determinada raça. No sexto, as questões abordaram as tecnologias utilizadas. Por fim, as questões referentes ao sétimo e ao oitavo blocos visaram avaliar a opinião dos respondentes com relação ao papel das associações de produtores e das associações de raças, respectivamente.

A aplicação do questionário se deu para uma amostra de pecuaristas, uma vez que o estudo de toda a população tornaria a pesquisa dispendiosa. Nesse sentido, utilizou-se a amostragem por conveniência, técnica de amostragem não-aleatória que, segundo Bêrni (2002, p.161), possui menos rigor quantitativo, “o que diminui a credibilidade da inferência de seus resultados para toda a população”. No entanto, o mesmo autor coloca que existem situações em que a seleção de uma amostra aleatória (onde cada elemento da população tem a mesma chance de ser escolhido quando comparado aos demais) é muito difícil, até mesmo impossível. Para essas situações, as técnicas de amostragem não-aleatórias procuram gerar amostras que representem adequadamente a população (BÊRNI, 2002). Assim, a técnica escolhida não impõe restrições ao estudo.

Os produtores amostrados foram obtidos através do envio dos questionários por correio eletrônico e para algumas entidades que os repassaram para seus associados. Em ambas as situações os produtores puderam enviar o questionário para a pesquisadora ou entregar na

entidade, em um envelope lacrado, que por sua vez os reuniu e enviou para a pesquisadora. Para avaliar o potencial de generalização dos resultados foram selecionados, de forma aleatória, 20 destes questionários para estimar-se a variância de todas as questões, tomando-se aquela que apresentou o maior desvio-padrão para determinar o tamanho da amostra, conforme equação (1).<sup>2</sup>

$$n = \left( \frac{Z_{\alpha/2} \cdot \sigma}{E} \right)^2 \quad (1)$$

Onde:

-  $n$  é o tamanho da amostra;

-  $Z$  é o valor da variável padrão normal associada ao grau de confiança considerado;

-  $\alpha$  é o nível de significância. Sendo o nível de confiança adotado igual a 95%, isso resulta em um valor para  $Z$  na distribuição normal de 1,96;

-  $\sigma$  é o desvio-padrão;

-  $E$  é o erro admitido, que foi estabelecido em 1,5.

Estimando-se os desvios-padrão das questões, verificou-se que aquela que apresentou o maior desvio-padrão foi a questão referente ao uso de pastagens artificiais de verão como suplementação em pastagens, que se referia ao bloco que buscava analisar quais as tecnologias empregadas. Testando a variância desta questão, obteve-se que a amostra mínima necessária seria de 32 produtores.

A pesquisa contemplou um retorno de 20 questionários, apesar dos esforços empreendidos para ampliar esse número<sup>3</sup>. Tal amostra é inferior à estabelecida na aplicação da equação (1), o que impede a generalização. Ainda, para generalização, teria que ser levada em consideração a distribuição regional dos questionários respondidos e suas dispersões.

Para avaliar as questões, antes de proceder à aplicação do questionário, foi realizado um teste-piloto com três pecuaristas, selecionados por sua *expertise* na área. Após responderem às

---

<sup>2</sup> O cálculo para determinar o tamanho da amostra se deu conforme o apresentado por Anderson, Sweeney e Williams (2007).

<sup>3</sup> Obteve-se o apoio da Federação da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul (FARSUL) e das associações de produtores Brangus e Herd-Book Collares, que foi determinante para a obtenção dos questionários dessa pesquisa. Ressalta-se que, mesmo com empenho dos funcionários dessas instituições e de alguns associados, que colaboraram na distribuição dos questionários, não foi possível ampliar o volume de respondentes. Isso é um indicativo do fechamento dos pecuaristas a pesquisas como essa.

questões, os três produtores foram entrevistados pessoalmente, de maneira individual, com o objetivo de verificar se as questões propostas convergiam para os objetivos do estudo. Para tanto, apresentou-se aos pecuaristas o propósito do trabalho e o que se pretendia obter com as informações provenientes da aplicação do questionário. Além disso, essa entrevista também permitiu avaliar se as questões estavam claras e se foram compreendidas de acordo com o formulado pela pesquisadora. Percebeu-se que os pecuaristas levaram cerca de nove minutos para responder às questões, tempo considerado razoável por eles.

Os comentários, críticas e sugestões realizadas por esses produtores foram importantes para qualificar o questionário definitivo. De acordo com eles, alguns ajustes foram necessários para permitir uma melhor compreensão por parte dos pecuaristas sobre as informações desejadas através da pesquisa. Optou-se por acatar aquelas contribuições em que ao menos dois entrevistados fizessem observações com relação ao mesmo item. Aquelas feitas por apenas um entrevistado foram reavaliadas pela pesquisadora, para verificar se existia ou não a necessidade de alteração. O questionário utilizado na pesquisa encontra-se no Apêndice A.

A avaliação das respostas obtidas foi feita através de uma análise descritiva. As considerações feitas pelos pecuaristas possibilitaram aprofundar algumas discussões que serão apresentadas mais adiante, bem como fornecer algumas informações acerca do comportamento dessas pessoas frente a determinadas questões. Mesmo que o número de questionários não seja significativo em termos estatísticos, eles são importantes do ponto de vista qualitativo e foram considerados.

#### **4. Perfil da pecuária de corte**

Neste tópico tem-se a análise descritiva das respostas obtidas através da aplicação do questionário. Primeiro considerar-se-á as questões iniciais do questionário, buscando caracterizar a pecuária de corte. Logo após, far-se-á uma análise referente a cada um dos blocos de questões que compunham o questionário.

A primeira parte do questionário evidenciou que o tamanho médio das propriedades dos respondentes (questão 2) é de 2.278,64 hectares, com um desvio-padrão de 2.332,94 hectares. O percentual destinado à pecuária de corte nessas propriedades (questão 3) é de 78,70%, em média, com um desvio-padrão de 18,85. Além disso, o tamanho médio do rebanho bovino (questão 4) é de 1.960,47 cabeças, com um desvio-padrão de 2.309,70. O que se verifica aqui é que há uma distinção bastante grande com relação ao tamanho da propriedade e do rebanho

bovino. O tamanho das propriedades variou entre 320ha e 10.700ha, ao passo que o rebanho bovino oscilou entre 200 cabeças e 8.500 cabeças.

No que concerne à questão 5, que buscava determinar as raças criadas pelo pecuarista, verificou-se que há um predomínio da raça Brangus (10 respondentes), seguida pelas raças Angus (5 respondentes), Hereford e Cruzamentos (4 respondentes cada). O Gráfico 1 permite visualizar a distribuição das raças, conforme coletado pelo questionário. Vale ressaltar que a grande maioria dos proprietários cria mais de uma raça bovina e, em razão disso, a soma total das quantidades apresentadas no Gráfico 1 é superior ao número total de respondentes.

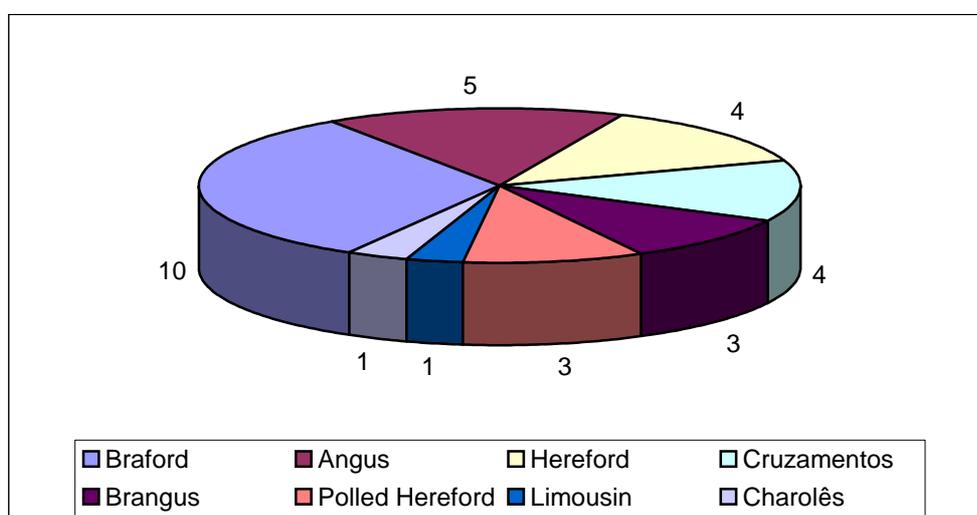
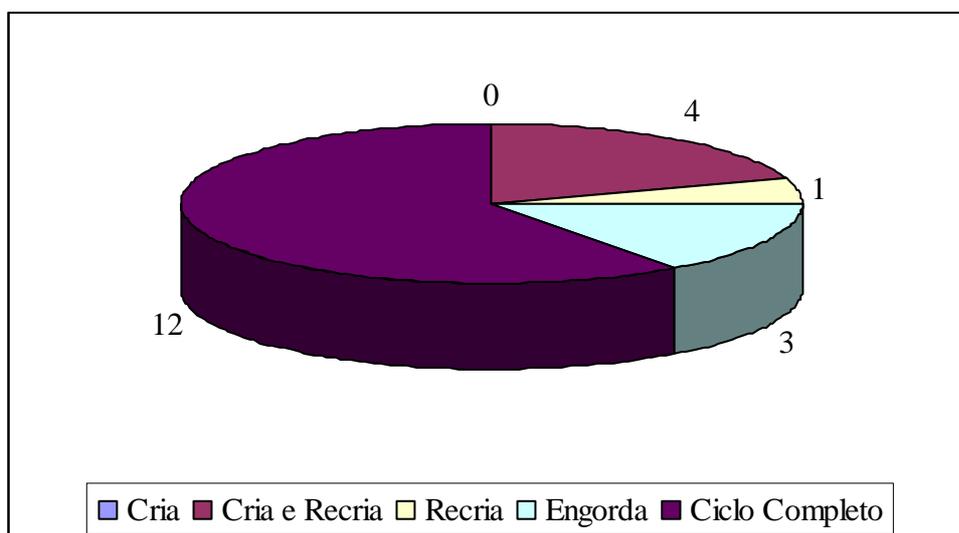


GRÁFICO 1 – Número de Propriedades com Animais de cada Raça

Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados da pesquisa.

O Gráfico 2, por sua vez, contém a distribuição da quantidade de propriedades em razão da finalidade da criação pecuária. Nota-se que a grande maioria (12 respondentes) dedica-se ao ciclo completo.



## GRÁFICO 2 – Quantidade de Propriedades de Acordo com a Finalidade da Criação

Fonte: Elaborado pela autora, com base nos dados da pesquisa.

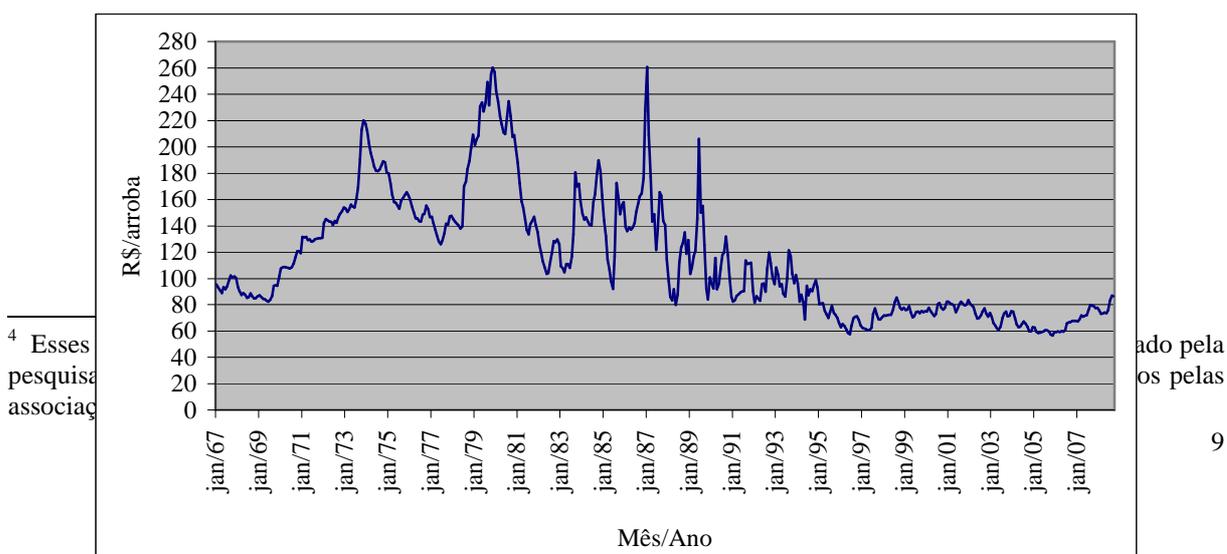
Com relação ao tempo de exercício da atividade (questão 10), a média obtida é igual a 28,80 anos, com um desvio-padrão de 21,63 anos. O elevado desvio-padrão mostra que, ao mesmo tempo em que em certas propriedades a atividade pecuária é “tradicional”, em outros estabelecimentos ela é uma atividade recente.

No que se refere à participação em associações de criadores (questão 11), 85% dos respondentes afirmaram que são membros de alguma associação. Com relação aos grupos de interesse (questão 12), o percentual de participação é um pouco menor: 55%. Nota-se que, a julgar pelo percentual de participação dos pecuaristas nas associações e grupos de interesse, eles consideram tal vínculo relevante para obter bons resultados na atividade. As vantagens obtidas em ser membro de uma associação (na concepção do pecuarista) aparecem no decorrer do texto, quando serão abordadas as questões referentes aos Blocos F e G.<sup>4</sup>

Outra consideração importante é sobre o desenvolvimento de outras atividades junto com a pecuária (questão 13). De acordo com a pesquisa, 90% das propriedades exercem, paralelamente à pecuária, outra atividade. A mais citada pelos pecuaristas é o cultivo de arroz. Mas a produção de outros grãos – como soja e trigo, – a vitivinicultura e a criação de ovinos, equinos e pecuária leiteira também foram mencionados.

Com relação à criação de gado misto, de forma extensiva e não consorciado com outras atividades (questão 15), as justificativas apresentadas pelos pecuaristas foram bastante pulverizadas, o que leva a concluir que é um conjunto de fatores que precisa ser analisado a fim de propiciar incrementos na atividade pecuária.

Um aspecto que também merece ser analisado é o histórico de preço do boi gordo,



recebido pelo pecuarista do Rio Grande do Sul. O Gráfico 3 apresenta a evolução dos preços reais, segundo dados disponibilizados pela Fundação Getúlio Vargas - FGV (2008). Vale lembrar que essas informações estão atualizadas até setembro de 2008.

**GRÁFICO 3 – Evolução dos Preços Reais (em R\$/arroba) Pagos ao Produtor do Rio Grande do Sul – 1967 a 2008**

Fonte: Elaborado pela autora, com base nas informações disponibilizadas pela FGV (2008).

Como pode ser verificado através do gráfico, o preço real do boi gordo recebido pelo pecuarista apresenta uma trajetória descendente a partir de 1990, com várias oscilações. No entanto, a partir de 2007 há uma pequena recuperação nos preços reais, mas ainda encontra-se distante do patamar verificado nas décadas de 1970 e 1980.

A partir do momento em que há a percepção de que os preços reais recebidos pelos produtores são cada vez menores, até que ponto a implantação de novas técnicas de manejo são economicamente viáveis para garantir a obtenção de maiores lucros? Diante disso, muitos produtores podem adotar uma posição mais conservadora e manter as atuais técnicas, à espera de projeções mais animadoras com relação aos preços, o que estimularia o incremento tecnológico. Por outro lado, uma vez que há queda de preços, essa queda precisa ser acompanhada por redução de custos, para que a produção tenha uma rentabilidade maior. Isso estimularia a adoção de técnicas que reduzem os custos, aumentem a rentabilidade, ou ainda, que permitam um ciclo produtivo mais curto, permitindo maiores retornos financeiros.

A queda dos preços reais da carne também pode ter outras duas conseqüências: inibe o ingresso de novos produtores no mercado e inibe a ampliação da produção (através do aumento do rebanho) por aqueles que já exercem a atividade. Logo, a difusão tecnológica na pecuária também fica comprometida porque não há um incremento no número de animais. Tendo em vista que no Rio Grande do Sul há predominância de raças de origem européia (FERRAZ e FIGUEIREDO JR., 2003), principalmente em razão de sua maior adaptabilidade ao clima, o fator preço influencia a tomada de decisão do pecuarista, o que reflete na estagnação da quantidade de animais. Logo, proporcionalmente ao rebanho nacional, o Rio Grande do Sul apresenta uma perda relativa de participação. Isso estaria ocorrendo em razão da ampliação da fronteira agrícola, que acontece por meio da atividade pecuária, e que estaria acontecendo via criação de raças zebuínas e não européias. Corroborando a afirmação, Ferraz e Figueiredo Jr. (2003), colocam que as raças que mais apresentaram crescimento no Brasil foram as raças zebuínas, com destaque para a raça Nelore. Segundo os autores, isso se deve a sua maior rusticidade, que faz com que seja a que melhor se adapta ao clima quente do Norte,

Nordeste e Centro-Oeste, além de apresentarem outras vantagens, tais como produzir uma carne mais magra e se adaptarem a sistemas de produção de baixo custo, que são os predominantes no Brasil.

Os pecuaristas também apontaram questões voltadas à tradição, ao conservadorismo, à cultura e ao comodismo, estabelecendo alguns paradigmas difíceis de serem modificados, e que se colocam como entraves na busca por melhorias genéticas e registro de animais. Os manejos adotados pelos antepassados passam para a geração seguinte e assim sucessivamente. Isso porque, segundo esses produtores, se seus ancestrais conseguiram sobreviver de tal forma, utilizando tais técnicas, não há razões para que seus descendentes não consigam sobreviver, atualmente, utilizando as mesmas técnicas.

No entanto, a competitividade de hoje é diferente daquela de cinquenta anos atrás. A atividade pecuária, hoje, exige um olhar inovador e empreendedor, além de iniciativas que viabilizem o negócio economicamente. E esse é um aspecto que também foi considerado pelos pecuaristas como um empecilho na busca e difusão de novas técnicas e, segundo eles, explica as características do sistema atual: a falta de “visão empresarial” da atividade. Essa justificativa foi dada pelos respondentes para argumentar a necessidade de planejamento, de levantamento de custos, de estabelecimento de metas a serem atingidas no médio e longo prazos. Existem pecuaristas que gerenciam a propriedade com visão empresarial, mas isso não acontece com todas as propriedades. Portanto, o que se destaca aqui é o fato de que essa “visão empresarial” da atividade deve ser difundida entre todos os proprietários para que melhores resultados, mais eficientes economicamente, sejam alcançados.

Outro fator lembrado por alguns respondentes é a falta de informação, de conhecimento tecnológico e de assistência especializada. Apesar de os produtores considerarem que a informação está disponível àqueles que a buscam e querem ter acesso a ela, tal circunstância talvez não seja suficiente para promover essa difusão. Aqui também entra a questão dos paradigmas culturais existentes. Se o sistema vem dando certo, para que correr o risco de mudar? Para que a inovação aconteça com mais intensidade, é fundamental o intercâmbio de informações entre produtores. As associações podem promover isso, sindicatos e cooperativas também. A difusão de uma nova técnica acontece por meio de sua adoção por um pecuarista e da propagação entre os demais dos resultados alcançados. Por isso que a comunicação e a interação entre eles são importantes. Além disso, a falta de união e organização dos produtores no que se refere à padronização do rebanho também foi apontada no questionário como obstáculo à propagação da inovação no setor.

Questões econômicas foram igualmente destacadas. Segundo os pecuaristas, certos investimentos tornam-se excessivamente onerosos quando comparados ao retorno apresentado. Isso acaba inviabilizando a busca de melhores técnicas. Nesse sentido, há de se avaliar em que medida o produtor percebe ganhos de rentabilidade em termos de rendimento por carcaça. Ora, se um determinado manejo permite um maior ganho de peso do animal, é vantajoso para o pecuarista adotar tal técnica, uma vez que o rendimento do animal será maior. Ainda, se a técnica propicia uma condição de abate em tempo menor, também é um benefício que o pecuarista obtém. Logo, será que tais proveitos são realmente percebidos? Além disso, a falta de capital de giro para financiar novos investimentos e a ausência de garantia de colocação do produto inibem a introdução de melhorias técnicas e também foram colocados pelos pecuaristas como obstáculos à difusão tecnológica na atividade.

No que se refere aos fatores que estimulam o pecuarista a adotar novas tecnologias de produção (questão 16), os fatores econômicos foram os mais citados por eles. Maior rendimento, melhor qualidade e garantias de melhores preços são fundamentais para levar o pecuarista a buscar incremento tecnológico. Além disso, uma garantia de preço diferenciado pela genética também foi ressaltado, já que de nada adianta fazer investimentos nesse aspecto se o mercado consumidor não paga em contrapartida. Tecnologias que diminuam os custos de produção foram lembradas, como meio de se alcançar um lucro maior.

A possibilidade de acesso a novos mercados também é importante. Ampliar mercados possibilita aumentar a demanda. E, uma demanda maior, dá mais segurança para que o aumento da produção tenha colocação no mercado.

Alguns pecuaristas enfatizaram que a adoção de uma nova técnica só acontece por eles se os resultados forem comprovados. Ou seja, para atestar que a técnica é realmente eficaz, as pesquisas devem ser desenvolvidas pelo setor público. Aqui cabe avaliar em que medida o setor público atua nesse aspecto e em que medida os pecuaristas se beneficiam dos resultados. Considerando que em certas circunstâncias as informações e técnicas estão disponíveis a todos que se interessarem por elas, por que os pecuaristas não buscam tais informações e técnicas? Conforme os próprios pecuaristas afirmaram no questionário, muitos deles acreditam que o sistema produtivo da pecuária do Rio Grande do Sul tem um comportamento conservador e sentem-se receosos diante da mudança. Por isso, não buscam meios alternativos. Não querem ser “cobaias” no processo de inovação tecnológica.

Com relação aos blocos de questões, é possível identificar algumas características dos pecuaristas. No que se refere ao Bloco A, que abordava o objetivo da propriedade, pode-se

afirmar que a venda de gado para abate e o exercício da atividade em virtude do prazer que ela proporciona, embora o retorno não seja muito elevado, foram as questões que receberam maiores notas pelos respondentes (questões 9 e 4; médias 8,15 e 7,00, respectivamente).

Quanto às fontes de informação dos pecuaristas (Bloco B), estes afirmaram que estão em constante busca por informação e aprimoramento, por considerarem o principal meio de inserção e permanência no mercado (questão 2; média 9,70). Quanto ao principal meio no qual essa informação é obtida, a maior média (8,45) foi atribuída para a mídia especializada.

No que diz respeito à capacitação do proprietário e da mão-de-obra empregada (Bloco C), a maior média (9,15) ficou para a questão 7 que afirma que a contratação de mão-de-obra qualificada traz retornos significativos se comparada à mão-de-obra não especializada. As questões 5 e 6, que abordam respectivamente a importância da participação em associações de raças e em grupos de interesses para capacitar o pecuarista, apresentam média 6,40 e 7,55. Ou seja, os pecuaristas consideram mais relevante participar de grupos de interesse a fim de promover sua capacitação; segundo eles, as associações de raças têm uma significância menor nesse processo.

Para o Bloco D, que buscou avaliar os motivos que levam à escolha de determinada raça, os pecuaristas atribuíram uma média baixa para a influência que as associações de produtores de raça exercem sobre o pecuarista na escolha de qual raça produzir (questão 7; média 2,10). Aspectos como a escolha pelo fato da raça ter sido criada pela família a gerações ou por orientação de outros produtores também têm uma relevância pequena (questões 5 e 6; médias 2,90 e 2,80, respectivamente).

Quando questionados sobre o tipo de tecnologia empregada (Bloco E), os pecuaristas atribuíram as maiores médias para controle genético, sistema de rodízio de pastagens, uso de sais minerais e uso de pastagens artificiais de inverno (questões 5, 7, 9.1 e 9.3; médias 8,60, 8,95, 9,10 e 8,75, respectivamente).

Para as afirmativas do Bloco F, que se referiam às associações de produtores, os pecuaristas atribuem um importante papel político para essas instituições, por representarem os interesses coletivos do grupo (questão 1; média 8,60). Além disso, consideram que as associações de produtores também facilitam o acesso à capacitação tecnológica e representam uma forma de manter o relacionamento entre os pecuaristas (questões 2 e 6; médias 6,95 e 7,70, respectivamente).

Por fim, todas as afirmativas do Bloco G, sobre as associações de raças, tiveram médias relativamente altas. Destaque para a questão 7, com a maior média (8,70), que coloca essas

entidades como responsáveis pela fixação, manutenção e controle das características genéticas da raça. A menor média (6,60), foi atribuída para a questão 6, que trata do grau de responsabilidade dessas instituições no que se refere à adesão de novos produtores à raça.

Avaliando os blocos de questões conjuntamente, pode-se destacar algumas contradições que se verificam nas respostas apresentadas. Ao mesmo tempo em que os pecuaristas consideram as associações de criadores de raça um importante meio de acesso à informação utilizado pelos pecuaristas (Bloco B), atribuem a essas entidades pouca influência no processo de tomada de decisão do pecuarista sobre qual raça produzir (questão 7; Bloco D).

Outro aspecto a ser considerado é a mídia especializada, que foi considerada um dos principais meios de acesso à informação pelos pecuaristas (Bloco B), mas que apresenta média 4,80 com relação à influência que exerce sobre as escolhas do pecuarista por meio do destaque que dá às qualidades da raça (questão 10; Bloco D).

Quanto às contradições apresentadas, pode-se enfatizar ainda que o papel das associações de raças foi considerado importante na divulgação da raça a outros produtores (Bloco G), enquanto que apresentou uma relevância diminuta quanto à influência dessas associações na escolha de determinada raça (questão 7; Bloco D).

Em suma, o que se percebe ao se analisar os blocos de questões, é que as associações apresentam certa deficiência no que se refere à capacitação do produtor (quando comparadas com outros meios de capacitação), mas contemplam satisfatoriamente os aspectos relacionados especificamente à raça.

## 5. Conclusão

A análise das respostas do questionário possibilitou refletir sobre vários aspectos considerados relevantes pelos pecuaristas. No que se refere à criação de gado misto, de forma extensiva e não consorciada com outras atividades, os respondentes afirmaram que isso se deve a vários fatores, sendo os principais: a falta de informação, a pouca visão empresarial da atividade, a escassez de assessoria especializada, o conservadorismo, a tradição, as condições climáticas e o solo. Mas, a que obteve maior destaque pelos pecuaristas entrevistados foi a rentabilidade econômica.

A questão da rentabilidade está fortemente relacionada com a questão da inovação, uma vez que para a adoção de novas técnicas os pecuaristas colocaram fatores de ordem econômica como determinantes, que são: incremento qualitativo e quantitativo; maior eficiência e menor custo; e garantia de preço diferenciado e acesso a novos mercados. Sendo

assim, a criação de raças européias puras ou de cruzamento industrial deveria gerar diferencial de preços no mercado. No entanto, segundo os produtores, esse diferencial é inexistente e os ganhos quantitativos são poucos em relação aos investimentos necessários.

No que se refere ao aspecto qualitativo da carne bovina, há de se ressaltar que essa diferença deverá ser percebida pelo consumidor final. Se este perceber agregação de valor, estará disposto a pagar mais por ela e, assim, esse ganho na ponta da cadeia de consumo poderá ser distribuído ao longo da mesma. Caso contrário, não há possibilidade de os produtores receberem um valor maior pelo quilo do boi vivo. Sendo assim, se a carne apresenta características específicas como mais maciez e/ou menos gordura, por exemplo, é necessário que as associações promovam campanhas de divulgação dessas características junto aos consumidores e estabeleçam atividades que garantam que esses benefícios realmente ocorram. Ou seja, um melhor desempenho qualitativo da carne, a percepção desse valor pelo consumidor, um maior rendimento por carcaça e a precocidade de abate é que poderão levar o produtor a incrementos de renda.

No que concerne a esses elementos há de se considerar se a cultura e a tradição do pecuarista gaúcho não se colocam como entraves, uma vez que em razão de alguns pecuaristas adotarem uma posição mais conservadora, é possível que não queiram alterar seu modo de produção e/ou raça bovina em sua propriedade.

Outro fator de extrema relevância é a visão empresarial que deve ser dada à atividade. A pecuária não é um modo de sobrevivência apenas; ela é uma empresa, com o objetivo de dar lucro, e deve ser vista dessa forma pelo proprietário. E esse lucro deve ser reinvestido em novos meios de produção, em novas técnicas, em aperfeiçoamento de mão-de-obra, em diminuição de custos e ampliação de receitas. Além disso, a melhoria da qualidade do produto – a carne – deve ser constante nas propriedades. Isso faz aumentar a competitividade, assegurando a permanência em mercados e permitindo o acesso a outros mercados também.

Há de se considerar ainda a difusão de novas técnicas. O produtor precisa estar em contato com outros produtores, pois o intercâmbio de informações é necessário para desenvolver a atividade. E as associações devem promover esse intercâmbio, devem também divulgar essas técnicas. Somente disponibilizar a informação não é suficiente. Essa informação precisa chegar ao pecuarista de forma que ele perceba que as mudanças, às vezes, são necessárias.

No entanto, para mudar é preciso que os benefícios dessa mudança tenham sido comprovados. O pecuarista precisa estar seguro que essa inovação traz vantagens e que essas

vantagens vão se refletir num produto mais competitivo. Por isso é necessária a construção de uma base de conhecimento que dê suporte às inovações técnicas. É preciso mão-de-obra treinada e especializada, conhecimento científico sobre características genéticas, pesquisas voltadas à comprovação dos resultados esperados.

Além disso, é preciso entender a figura que está por detrás de todo o processo: o pecuarista. A maneira como ele vê a atividade e como administra sua produção é fundamental para buscar os meios de como atuar junto a ele para transformar o seu comportamento diante das situações que se apresentam.

Ou seja, compreendendo quais os fatores que inibem e estimulam melhorias técnicas, é possível viabilizar alternativas de desenvolvimento, para alcançar melhores resultados. No entanto, para que isso aconteça, é fundamental o engajamento de todos os envolvidos nesse processo. Cada pecuarista deve estar ciente de que a pecuária de corte terá um futuro promissor se houver uma base de conhecimento e pesquisa que possibilite viabilizar alternativas de desenvolvimento. E para que essa base seja construída, a união de produtores e entidades em torno de objetivos comuns é fundamental.

## 6. Referências Bibliográficas

ANDERSON, D. R.; SWEENEY, D. J.; WILLIAMS, T. A. **Estatística Aplicada à Administração e Economia**. 2.ed. São Paulo: Thomson, 2007. 597p.

BÊRNI, Duílio de Ávila (Org.). **Técnicas de Pesquisa em Economia**: transformando curiosidade em conhecimento. São Paulo: Saraiva, 2002. 408p.

CENSO AGROPECUÁRIO 2006. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br>> Acesso em: 11 jun. 2008.

CONFEDERAÇÃO DA AGRICULTURA E PECUÁRIA DO BRASIL – CNA. **Perfil da Agropecuária Brasileira II**. n.02, 2002. Disponível em: <[http://www.cna.org.br/site/down\\_anexo.php?q=E25\\_618Miolo.pdf](http://www.cna.org.br/site/down_anexo.php?q=E25_618Miolo.pdf)>. Acesso em: 15 nov. 2007.

FERRAZ, José Vicente; FIGUEIREDO JR. Geide A. Serviço de Informação da Carne – SIC. 2003. Disponível em: <<http://www.sic.org.br/producao.asp>> Acesso em: 26 out. 2008.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS – FGV. **FGV DADOS**. Disponível em: <<http://fgvdados.fgv.br/>> Acesso em: 21 nov. 2008.

HAIR JR, Joseph F. *et al.* **Análise Multivariada de Dados**. 5.ed. Porto Alegre: Bookman, 2005. 593p.

HAYAMI, Yugiuro; RUTTAN, Vernon W. **Desenvolvimento Agrícola**: teoria e experiências

internacionais. Brasília: EMBRAPA, 1988. 583p.

MEDEIROS NETO, Jose Bernardo de. **Revolução na Pecuária**. Porto Alegre: Sulina, 1990. 185p.

MERCOIRET, Marie-Rose; PESCHE, Denis; BOSCH, Pierre Marie. **Rural Producer Organizations (RPOs) for Pro-Poor Sustainable Development**. The World Bank. Report of the Paris workshop. Washington, DC. 2006.

NAVARRO, Zander. **Desenvolvimento Rural no Brasil: os limites do passado e os caminhos do futuro**. Estudos Avançados. São Paulo, v. 15, n. 43, 2001.

PEREIRA, Alexandre. **Guia Prático de Utilização do SPSS: análise de dados para ciências sociais e psicologia**. 6.ed. Lisboa: Silabo, 2006. 243p.

PERICO, Rafael Echeverri; RIBERO, María Pilar. **Ruralidade, Territorialidade e Desenvolvimento Sustentável: visão do território na América Latina e no Caribe**. Brasília: IICA, 2005. 196p.

RONDOT, Pierre; COLLION, Marie-Hélène. **Agricultural Producer Organizations: their contribution to rural capacity building and poverty reduction**. Report of a workshop, Washington, DC. 1999. Disponível em: <[http://info.worldbank.org/etools/docs/library/51025/ZipAgExtension1/ag\\_extension1/Materials/additional/AgProdOrg-Proceedings-en.pdf](http://info.worldbank.org/etools/docs/library/51025/ZipAgExtension1/ag_extension1/Materials/additional/AgProdOrg-Proceedings-en.pdf)> Acesso em: 07 jun. 2008.

SCHNEIDER, Sérgio. **A Abordagem Territorial do Desenvolvimento Rural e suas Articulações Externas**. Sociologias. Porto Alegre, n. 11, p. 88-125, jan./jun. 2004.

SEPÚLVEDA, Sergio. **Desenvolvimento Sustentável Microrregional: métodos para planejamento local**. Tradução de Dalton Guimarães. Brasília: IICA, 2005. 296p.

THE WORLD BANK. **Agriculture for Development**. World Development Report. Quebecor World, 2007. 366p.

#### APÊNDICE A:

#### QUESTIONÁRIO APLICADO PARA A AMOSTRA DE PECUARISTAS

##### Perfil da Pecuária de Corte:

1. Localização da Propriedade (Município): \_\_\_\_\_
2. Tamanho da Propriedade (ha): \_\_\_\_\_
3. Percentual da área destinada à Pecuária de Corte (ha): \_\_\_\_\_
4. Tamanho do Rebanho Bovino: \_\_\_\_\_
5. Raça(s): \_\_\_\_\_

6. Tipo de Pastagem: \_\_\_\_\_

7. Finalidade da Criação: ( ) Cria ( ) Cria e Recria ( ) Recria ( ) Engorda ( ) Ciclo Completo

8. Quantidade de Pessoas Empregadas: \_\_\_\_\_

9. Outras modalidades de utilização da mão-de-obra:

( ) Parceria ( ) Agregado ( ) Terceirizado ( ) Outro: \_\_\_\_\_

10. Há quanto tempo exerce a atividade de pecuarista: \_\_\_\_\_

11. É membro de alguma associação de criadores: ( ) Sim – Qual: \_\_\_\_\_ ( ) Não

12. É membro de algum grupo de interesse: ( ) Sim – Qual: \_\_\_\_\_ ( ) Não

13. Outras atividades desenvolvidas na propriedade: \_\_\_\_\_

14. Forma de venda dos seus animais: ( ) Peso Vivo ( ) Rendimento por Carcaça

15. Na sua percepção, por que alguns produtores do Rio Grande do Sul produzem gado misto, de forma extensiva, não consorciado com outras atividades? \_\_\_\_\_

16. Que fatores o levariam a adotar novas tecnologias de produção? \_\_\_\_\_

**Para cada uma das afirmações a seguir, dê uma nota de zero a dez, onde 0 (zero) significa Discordo Totalmente e 10 (dez) significa Concordo Plenamente.**

**A) Quanto ao objetivo da propriedade (finalidade para a qual a pecuária é exercida):**

1. Sou pecuarista porque a pecuária é uma tradição de família.	
2. Sou pecuarista pelo fato de ser uma atividade que garante uma maior estabilidade de renda.	
3. Sou pecuarista em virtude do prazer que essa atividade me proporciona, além dela apresentar elevado retorno financeiro.	
4. Sou pecuarista em virtude do prazer que essa atividade me proporciona, embora o retorno não seja muito elevado.	
5. A propriedade dedica-se basicamente à venda de sêmen e reprodutores.	

6. A propriedade dedica-se basicamente à venda de matrizes e transferência de embriões.	
7. A propriedade dedica-se basicamente à venda de reprodutores.	
8. A propriedade dedica-se basicamente à venda de reprodutores e matrizes.	
9. A propriedade dedica-se basicamente à venda de gado para abate.	

**B) Em relação às fontes de informação:**

1. Acho desnecessário buscar novos métodos e novas tecnologias, uma vez que tenho alcançado resultados satisfatórios com os meios utilizados até então.																	
2. Estou em constante busca por inovações e aprimoramento, pois considero o principal meio de inserção e permanência no mercado.																	
3. Busco informação junto aos seguintes meios:																	
<table border="1"> <tr> <td>Associação de Gado de Raça</td> <td></td> <td>Feiras/Exposições</td> <td></td> </tr> <tr> <td>Grupos de Interesse</td> <td></td> <td>Outros Criadores</td> <td></td> </tr> <tr> <td>Sindicatos</td> <td></td> <td>Mídia Especializada</td> <td></td> </tr> <tr> <td>Cooperativas</td> <td></td> <td></td> <td></td> </tr> </table>	Associação de Gado de Raça		Feiras/Exposições		Grupos de Interesse		Outros Criadores		Sindicatos		Mídia Especializada		Cooperativas				
Associação de Gado de Raça		Feiras/Exposições															
Grupos de Interesse		Outros Criadores															
Sindicatos		Mídia Especializada															
Cooperativas																	

**C) Quanto à capacitação do proprietário e da mão-de-obra empregada:**

1. Acredito que a experiência adquirida ao longo do tempo, que passa de uma geração para outra, é uma importante fonte de conhecimento.	
2. Atualmente, a formação em ensino superior é importante para o produtor de gado de corte.	
3. A existência de profissionais com curso superior trabalhando na propriedade ou prestando assistência é importante para o produtor de gado de corte.	
4. A existência de profissionais com curso técnico trabalhando na propriedade é importante para o produtor de gado de corte.	
5. A participação em associações de raças é importante e contribui para capacitar o pecuarista.	
6. A participação em grupos de interesses é importante e contribui para capacitar o pecuarista.	
7. A contratação de mão-de-obra qualificada traz retornos significativos se comparada à mão-de-obra não especializada.	
8. Meus funcionários, em sua expressiva maioria, possuem o ensino fundamental concluído.	

**D) Quanto aos motivos que levam à escolha de determinada raça:**

1. Por ser a que representa maior retorno financeiro em relação às demais raças.	
--	--

2. Se deve ao fato de sua carne ter reconhecimento pelos consumidores, como sendo de qualidade superior em relação às demais.	
3. Devido a estes animais terem um maior potencial de ganho de peso, atingindo mais precocemente a condição de abate.	
4. Ser a que melhor se adaptou às condições edafo-climáticas da região onde se encontra minha propriedade.	
5. Ao fato de essa raça ter sido criada pela minha família a gerações.	
6. Por orientação de outros produtores.	
7. Por influência da(s) associação(ões) de produtores da raça.	
8. Em função dos resultados obtidos por outros produtores desta raça.	
9. Ao observar o elevado valor de comercialização dos touros nas exposições e nos leilões.	
10. Pelo destaque que a mídia dá às qualidades da raça.	

**E) Quanto à tecnologia empregada:**

1. Cruzamento entre Raças.		
2. Confinamento.		
3. Inseminação Artificial.		
4. Transferência de Embriões.		
5. Controle Genético.		
6. Rastreabilidade.		
7. Sistema de rodízio de pastagens.		
8. Irrigação de pastagens.		
9. Suplementação em Pastagens:	Uso de Sais Minerais	
	Pastagens Artificiais de Verão	
	Pastagens Artificiais de Inverno	

**F) Quanto às Associações de Produtores:**

1. Possuem um papel político importante, ao representar os interesses coletivos dos pecuaristas.	
2. Facilitam o acesso à capacitação tecnológica.	

3. Promovem a difusão do conhecimento de processos de comercialização.	
4. Oferecem apoio em questões legais de produção e comercialização.	
5. Oferecem apoio em questões legais referentes a questões fundiárias e/ou trabalhistas.	
6. Representam uma forma de manter o relacionamento entre os pecuaristas.	

**G) Quanto às Associações de Raças:**

1. São importantes para verificar as tendências da raça em termos de genética.	
2. São importantes para verificar as tendências da raça em termos de mercado consumidor.	
3. São importantes para verificar as tendências da raça em termos de mercado produtor.	
4. Importante meio de divulgação da raça aos produtores (outros produtores).	
5. Importante meio de divulgação da qualidade da carne para os consumidores.	
6. As associações são as maiores responsáveis pela adesão de novos produtores à raça.	
7. As associações são responsáveis pela fixação, manutenção e controle das características genéticas da raça.	